Bryat, A. et alii. *El tratamiento psiquiátrico del adolescente.* Buenos Aires, Paidós, 1973. 148 p.

O livro está dividido em duas partes: a primeira refere-se ao problema de comunicação, nas entrevistas com os adolescentes, e a segunda, à filosofia dos tratamentos do delinqüente em internamento. É escrito por seis terapeutas com prática em tratamento psiquiátrico de adolescentes.

O primeiro trabalho é de A. Bryat que responsabiliza a má comunicação entre terapeuta e cliente pelo abandono do tratamento. O conservar o adolescente no tratamento é um dos problemas da terapia.

Bryat, em sua experiência, concluiu que a fuga do adolescente se deve, principalmente, à ignorância, por parte do analista, das conotações pessoais na

linguagem, o que leva a conseqüências inesperadas. Em sua casuística demonstra que este problema é mais freqüente quando o paciente pertence a nível social inferior ao do analista.

James B. Mcwhinnie, no trabalho que segue, analisa o efeito da linguagem na terapia do adolescente delinqüente e levanta uma tese interessante, quando diz que a falta de capacidade para a expressão verbal abstrata aumenta a probabilidade da conduta anti-social. Cita Skinner ao dizer que o superego é uma estrutura verbal. Para Piaget, amadurecer é passar da linguagem egocêntrica para a linguagem socializada, vinculada ao processo de ajustamento às normas que se produzem por coerência e adequação ao juízo moral e cooperação social.

Outro trabalho digno de destaque é o de A.H. Kaplan, abordando o problema da entrevista conjunta, com pais e adolescentes, o que vai contra o até aqui estabelecido pela maioria das filosofias terapêuticas. Mostra o autor os inconvenientes de um profissional tratar do adolescente e outro, dos responsáveis. Enfoca o problema das entrevistas com os pais que não devem ter a profundidade que têm as entrevistas com o cliente, mas apenas levá-los a não prejudicarem o tratamento, por ciúmes ou incompreensão do mesmo. Em sua experiência, o autor entende que no método tradicional se processa o isolamento entre os dois tratamentos; os terapeutas não encontram tempo para trocar idéias sobre seus pacientes; isto aumenta a separação no seio da família e, freqüentemente, os pais se sentem frustrados pela falta de contato com o terapeuta do filho e interrompem o tratamento, já que são os responsáveis pelo mesmo. Ouvindo-se pais e filhos, na entrevista coletiva, os problemas são melhor identificados.

Destacamos estes trabalhos por nos parecerem de interesse mais geral para os terapeutas de adolescentes.

É um livro pequeno que merece ser lido pelos especialistas no assunto.

EMILIA DE MELLO RIBEIRO